

Sul-africanos pretendem fábrica têxtil de Mocuba

● Egípcios também dão sinal

N 31/42

A empresa sul-africana «PIDICO» (Empresa de Projectos de Desenvolvimento Industrial e Investimentos) em coordenação com alguns empresários egípcios, está interessada na exploração da fábrica têxtil de Mocuba, actualmente em estado de abandono, naquela segunda cidade zambeziana. Com efeito, decorrem recentemente conversações com vista à formalização do negócio, segundo revelou à Reportagem da nossa Delegação da Beira, que esteve na Zambézia, o Director Técnico do Projecto, Celestino Phiri.

A exploração daquele complexo fabril, de grande envergadura, embora por concluir, surge na sequência deste ter sido retirado do Orçamento Geral do Estado, logo após a introdução do PRE, tendo em conta que a fábrica foi concebida, em termos de dimensão e capacidade, «como sendo a única do género na África Austral».

Por outro lado, a implementação de tal medida está aliada ao facto de o Ministério de tutela ter também sugerido, para solução definitiva daquele projecto, a procura de parceiros estrangeiros para a formação de uma empresa mista.

De acordo com aquele director, em termos de construção, a fábrica está paralisada desde 1989, altura em que se executou o último trabalho de drenagem e «mesmo que houvesse capacidade de se prosseguir com a obra, nada se poderia fazer sem um fiscal, uma vez que a empresa encarregue desse processo pertencia à extinta RDA e retirou-se em Junho de 1990».

Aquele elemento afirmou que, em moldes contratuais, os fornecedores cumpriram atempadamente com os trâmites, no que se refere à entrega de material, «mas nada se pode fazer, pois parte do edifício onde este deveria ser montado ainda não havia sido construída».

SUBSISTÊNCIA?

Entretanto, começou a debandada da mão-de-obra especializada, cuja maior parte tem pedido de transferência já feito devido à paralisação da obra e à liberalização salarial, uma vez que a empresa tem grandes dificuldades financeiras.

Como meio de subsistência, os trabalhadores daquele complexo fizeram do sector de formação

profissional uma pequena unidade fabril de produção de linha para comercialização e efectuam trabalhos de carpintaria, numa medida tendente a manter o projecto. «Mas, mesmo assim, como é óbvio, os rendimentos estão aquém das necessidades, pois os gastos são elevados» — disse a nossa fonte.

Caso o negócio com a empresa sul-africana decorra da melhor maneira, Celestino Phiri aventou a hipótese do pessoal técnico ter de frequentar cursos de aperfeiçoamento e reciclagem técnica, pela razão de alguns quadros principais daquele projecto terem sido

formados, num período de 10 anos, na Alemanha (ex-RDA).

Outro aspecto que importa salientar, segundo ele, está associado à aquisição e montagem de novo equipamento a ser adquirido, mais moderno, pois a fábrica detém no seu parque diverso tipo de equipamento chegado ao nosso país entre 1981 e 1982, que nunca funcionou e está a apodrecer.

EQUIPAMENTO ABANDONADO: MILHÕES ESBANJADOS

Grande parte do equipamento destinado ao apetrechamento daquele

complexo fabril proveniente da Polónia, Itália e Alemanha (ex-RDA) encontra-se abandonado e ao relento, há muito tempo, sujeito a todas as intempéries, conforme constatou a Reportagem da Delegação da Beira no local.

Do referido equipamento, que nunca chegou a ser montado, algum permanece em caixas com sinais visíveis de terem sido arrombadas, enquanto se vê o esqueleto de enormes caixas de madeira vazias, confirmando o roubo em muitas.

No caso concreto das caldeiras, nas palavras do seu director técnico, «estas foram descascadas para aproveitamento da chaparia no fabrico de painéis».

«O outro material vai-se deteriorando com o tempo, já que não existe um resguardo adequado onde possamos tê-lo em segurança» — salientou.